

## PORQUE E PARA QUE ALFABETIZAR\*

Roberto Akira Goto\*\*

### Resumo

*Este artigo trata dos motivos e finalidades do trabalho de alfabetização, concebendo-o como parte do processo histórico de libertação do homem e condição para a democratização da cultura. Seus pressupostos teóricos remetem basicamente a três fontes: a) a filosofia da História de Hegel; b) a abordagem marxista da sociedade e do trabalho humano; c) a idéia da existência humana como projeto, de conformidade com as filosofias de Heidegger e Sartre.*

### I - A LINGUAGEM ESCRITA

A linguagem escrita é definida geralmente como uma invenção humana. Entretanto, ela difere basicamente das demais invenções: não é apenas um instrumento destinado a transformar e controlar a natureza, mas o meio através do qual os homens se comunicam e fazem a História. A linguagem escrita permite, portanto, que o ser humano se realize como ser social e ser histórico. Do ponto de vista social, ela consolida e aprofunda as relações entre os indivíduos. Do ponto de vista histórico, ela concorre para a fixação, difusão e transmissão, através do tempo, da cultura humana.

Os homens inventaram a linguagem escrita há pelo menos quatro mil anos. Desde já, entretanto, é necessário apontar a radical diferença que a separa das demais invenções humanas. Inventar a escrita não foi o mesmo que inventar a roda ou a alavanca. Tanto a roda como a alavanca traduzem processos técnicos destinados a facilitar a vida humana. Tanto uma quanto outra constituem instrumentos e meios através dos quais o ser humano pode executar trabalhos empregando menor esforço físico. As técnicas e instrumentos correspondem dessa forma às relações entre o homem e o mundo. Elas estabelecem ou alteram essas relações, permitindo ao ser humano não apenas sobreviver num ambiente que lhe é muitas vezes adverso, mas conferindo-lhe também o poder de controlá-lo e transformá-lo.

A linguagem - sobretudo a linguagem escrita - não se limita, porém, a ser uma simples técnica operacional. Falar, ler e escrever são mais que meras

---

\*Este texto foi escrito em 1977, para servir de material ao treinamento de monitores do Mobral em Campinas.

\*\*Professor de Filosofia na EESG "Culto à Ciência", Campinas, SP.

técnicas; fazem parte das condições essenciais para a realização do homem como ser histórico e social. A linguagem liga os homens no tempo e no espaço. Quando o ser humano começou a falar, estava ao mesmo tempo organizando-se em sociedade. Seria realmente impossível imaginar um processo de organização social sem pressupor a existência de um instrumento de comunicação entre os indivíduos, que permitisse a atribuição e a divisão de tarefas. Este instrumento não poderia ser outro senão a linguagem, em seu sentido mais amplo.

De modo semelhante, quando o ser humano começou a escrever, passou ao mesmo tempo a fazer a sua História, isto é, criou para si um passado, um presente e um futuro unidos através da linha de uma memória constituída pela escrita. Este é, fundamentalmente, o caráter da linguagem: ela institui o mundo humano, e o institui histórica e socialmente. Ela não altera apenas as relações do homem com o mundo, mas transforma também, sobretudo, as relações entre os homens. Como invenção humana, a linguagem tem, portanto, este duplo papel: ela participa da tarefa de humanização da natureza (e, nesse aspecto, alinha-se ao lado das demais técnicas que consolidam ou alteram as relações entre o ser humano e o ambiente), mas ao mesmo tempo participa do trabalho de criar um universo comum no qual os homens se interpenetram, permutam experiências e, desse modo, produzem e projetam sua existência. Esses dois aspectos são, assim, indissociáveis. Isto quer dizer que é na medida em que se comunicam entre si (utilizando-se da linguagem) que os indivíduos podem aumentar a eficiência de seu controle sobre a natureza. Ou seja: é na medida em que se aperfeiçoam as relações homem-homem que podem se aperfeiçoar também as relações homem-mundo.

Na comparação entre a invenção "linguagem" e as invenções técnicas, observamos que a primeira é, atualmente, a condição para a permanência e a continuidade das últimas. Em outras palavras, isto significa que a própria Técnica, hoje, não pode manter-se, realizar-se e desenvolver-se sem que haja, para apoiá-la, um sistema organizado através e em torno da linguagem, principalmente da linguagem escrita. Uma rápida análise da História mostra-nos que a humanidade, através do tempo, acumulou inúmeras experiências e conquistas que podem, atualmente, ajudá-la a viver melhor. Essas conquistas e experiências foram se sobrepondo umas às outras, de modo que novas conquistas dependem de antigas conquistas que as precederam. O desenvolvimento técnico da humanidade se faz, dessa forma, através de uma ampla sucessão de etapas, cada uma tão importante quanto a outra. Para unir os degraus dessa escada, ou seja, para transmitir de geração a geração, de indivíduo a indivíduo, as experiências já acumuladas, o ser humano depende de um instrumento de comunicação. Este instrumento, como vimos, é a linguagem. Sem ela, seria impossível o acúmulo das conquistas humanas.

Isso mostra a importância do processo de comunicação de idéias entre indivíduos, no espaço e no tempo. Mostra também que, em última análise, é mais importante a formação de técnicos (ou seja, de homens capazes de

manipular a Técnica) do que a reprodução de equipamentos. Uma quebra nesse processo de comunicação de idéias e de formação humana pode inutilizar o esforço de uma época inteira. Imaginemos que os indivíduos da próxima geração, por algum motivo, já não possam ter acesso ao acervo de idéias e informações acumuladas pelo ser humano em sua História, a tal ponto que nenhum deles saiba como utilizar um computador ou uma simples máquina de lavar roupa. Em pouco tempo, todo o sistema entraria em crise e o homem teria de reiniciar seu caminho histórico da estaca zero. Sem as idéias e informações que permitem sua utilização, os computadores e as máquinas de lavar de nada valem, nada significam.

Isso nos leva a constatar que, no atual estágio da História, um livro possui, muitas vezes, maior importância que uma máquina. Um livro tem, precisamente, a faculdade de capacitar o indivíduo não apenas a usar a máquina, como também a fabricar máquinas semelhantes, aperfeiçoá-las e, a partir disso, criar novas máquinas. Porém, uma máquina sozinha é somente uma máquina, nada mais. Seu emprego por parte de qualquer indivíduo pressupõe que este indivíduo detenha a posse de informações referentes à máquina: para que serve (qual é a sua função), como se deve acioná-la para que ela funcione (para que desempenhe sua função) etc. Isso quer dizer que o indivíduo, antes de tudo deve dominar ou assimilar a cultura que envolve a máquina - e a cultura, à medida que é um produto exclusivamente humano, só se conserva e se desenvolve por meio da linguagem, da comunicação entre pessoas no espaço e no tempo. A cultura, no sentido em que empregamos esta palavra, é tudo quanto os seres humanos vêm produzindo ao longo de sua História, no contato com o seu ambiente.

Como produto humano, a linguagem também é um elemento da cultura. Ou seja, faz parte de tudo quanto o ser humano produz no decorrer de sua existência. Mas é preciso acentuar que a linguagem constitui, dentro da cultura, um elemento especial. Especial porque é através dela - da linguagem - que a própria cultura se mantém e evolui. Porque é a linguagem que permite a transmissão da cultura através do tempo (de geração a geração) e que possibilita a troca das experiências e conquistas culturais através do espaço (entre um povo e outro).

## **II - A LINGUAGEM E A HISTÓRIA**

O homem é um ser histórico. De um lado, isso significa que ele é um ser temporal, que existe mergulhado no tempo. De outro, significa que ele faz sua própria História, fato que o distingue dos outros animais. "Fazer a História" consiste, para o ser humano, em produzir e projetar sua existência, ou seja, em criar os meios necessários à sua sobrevivência e, a partir deles, construir o seu futuro. Ainda que preso às limitações impostas pelo mundo, o ser humano pode, portanto, elaborar e executar seus projetos, traçar e cumprir seu próprio destino. A História humana é, nesse sentido, a História da libertação do homem em

relação a tudo quanto o prende e o escraviza. A linguagem escrita desempenha, a esse respeito, um papel fundamental: ela cria uma memória histórica e une as várias etapas da História por meio de uma linha que permite que as conquistas e experiências do ontem sejam aproveitadas e aperfeiçoadas pelo hoje, tornando possível a perspectiva do amanhã.

Dissemos que o homem é um ser histórico. O que significa isso? Significa, em primeiro lugar, que o ser humano existe no tempo, que ele é um ser temporal. Todos nós, por exemplo, pertencemos ao século XX. Não podemos fugir a esse fato. Podemos sonhar em existir no século XXII, ou podemos pensar em voltar ao século XVIII. Mas a verdade é que vivemos no século XX, este é o nosso tempo. Como disse o filósofo alemão Hegel, "cada indivíduo é filho do seu tempo", e com isso ele queria mostrar que nenhum homem pode pretender "sair" da sua época ou existir "fora" do tempo; todo ser humano, ao contrário, está ligado à sua época, ele carrega consigo os valores e as limitações de seu tempo. O indivíduo do século XX é bastante diferente do indivíduo que viveu no século XVIII ou daquele que viverá no século XXII. Nós temos modos de existir, de pensar e de sentir específicos da nossa época. Um exemplo muito claro e concreto: usamos escovas de dente após as refeições, conversamos através de um aparelho chamado telefone, assistimos à televisão, falamos sobre futebol, sobre o próximo aumento do salário-mínimo etc. - coisas que surpreenderiam as pessoas há duzentos anos e que serão encaradas talvez com enfado ou risos por aquelas que viverão daqui a duzentos anos.

Mas dizer que o homem é um ser histórico significa, sobretudo, dizer que ele é capaz de fazer sua própria História, ou seja, que ele é capaz de produzir e projetar sua existência através do tempo. É esta capacidade que o distingue, em grande parte, do animal. Os animais, em geral, não criam as condições de sua existência; não plantam, não produzem seus alimentos, não inventam instrumentos para caçar ou pescar - limitam-se a utilizar os recursos que a natureza lhes fornece, sem nunca ir além do que os instintos lhes permitem. É verdade que há animais que parecem produzir sua existência. Talvez possamos falar nas formigas, nas abelhas, nos castores. Mas na realidade estas espécies restringem-se a realizar uma tarefa predatória sobre a natureza. Para sobreviverem, por exemplo, as formigas e as abelhas extraem elementos nutritivos das folhas e flores. Porém, uma vez esgotadas essas folhas e flores, não são capazes de plantar novas árvores e plantas; mudam suas colmeias e formigueiros para outros lugares, onde possam dispor das plantas de que necessitam.

O ser humano, contudo, não só produz como projeta sua existência. Com o seu trabalho, transforma e multiplica os elementos naturais necessários à sua sobrevivência. E, ao criar os meios de subsistência (o arado que rasga a terra para o plantio, o arco e a flecha para a caça, o caniço para a pesca, os pastos para a criação de gado), cria ao mesmo tempo os meios para superar as condições nas quais se encontra. Desse modo, ao contrário dos outros animais - que repetem, desde suas origens, as mesmas ações -, o ser humano consegue

ultrapassar o seu presente. O que define o homem como ser histórico é, para empregar a expressão de um outro filósofo alemão, Heidegger, o fato de ser-para-diante-de-si, ou seja, de ser capaz de superar-se, avançando no tempo, ampliando seus horizontes. É esse dinamismo, essa sucessão de mudanças, que caracteriza a História humana. Os animais não têm propriamente História porque não produzem nem projetam mudanças: uma nova geração de formigas repete, nos mesmos moldes, a mesma vida da geração anterior, e antecipa, em essência, o que será a vida da geração posterior. O termo "novo", a rigor, não pode ser aplicado aos animais. Apenas o ser humano pode produzir o novo, isto é, aquilo que não é igual a nada do que existiu antes.

Mas se é verdade que o homem faz a sua História, é verdade também que não a faz segundo seus desejos e caprichos, em situações que ele possa escolher livremente. Suas possibilidades e potencialidades também se acham limitadas pelas condições que a natureza lhe impõe ou que ele próprio forjou. Nenhum homem do século XVIII, por exemplo, ainda que desejasse, podia ir à lua ou voar pelo mundo, da mesma forma que não podemos, atualmente, ir a Júpiter. A História humana constitui um processo, e levar adiante esse processo requer o trabalho contínuo dos indivíduos. Quando nasce, o indivíduo já encontra um mundo estruturado independentemente da sua vontade, e que lhe coloca em mãos ao mesmo tempo recursos e obstáculos. Fazer a História significa, desse modo, não apenas aproveitar as possibilidades oferecidas pelo momento, mas também romper e superar as barreiras que esse mesmo momento opõe ao ser humano. Por isso se pode dizer que a História humana consiste desde o início numa contínua luta do homem por sua libertação de tudo quanto o impede de realizar-se plenamente como homem, de tudo quanto o prende e o escraviza.

De toda a forma, é o homem quem faz a História. E "o homem" quer dizer "os homens". Mesmo aqueles que parecem não participar desse esforço estão integrados nele. De fato, há homens que, por não gozarem dos benefícios do desenvolvimento, parecem não tomar parte, com seu suor, desse desenvolvimento. Mas, não raras vezes, são justamente eles que dão mais de si para tornar possíveis as melhorias que são legadas pelo progresso. O grande problema desses homens é o fato de que, embora trabalhando ativamente para criar uma existência melhor para todos, não podem participar das decisões e não têm acesso aos produtos de seu próprio trabalho. Em parte, isso ocorre porque a maioria não dispõe sequer da linguagem escrita.

Já falamos da importância da linguagem escrita para realização e a evolução do ser humano. Vimos que sem ela, o homem praticamente não pode fazer sua História, pois é a escrita que permite a cada povo construir sua memória e seu futuro, ou seja, é ela que possibilita aos homens o registro de cada nova conquista, o acúmulo das experiências e o salto para novas descobertas e invenções. Portanto, é com a linguagem escrita que começa propriamente a História humana; a partir do surgimento dessa linguagem, o ser humano passa a produzir cultura de forma progressiva, fazendo com que as

experiências se acumulem de geração a geração.

Vemos, assim, o quanto é importante para as pessoas saber ler e escrever. Ao dominar a linguagem escrita, o indivíduo adquire condições para se apropriar do saber acumulado pela humanidade. De posse desse instrumento - a escrita -, ele pode ao mesmo tempo participar e beneficiar-se da produção da cultura. Na medida em que dispõe dessa linguagem, cada homem pode tomar parte conscientemente na tarefa de fazer a História. Por isso se afirmou que a linguagem - sobretudo a escrita - faz parte das condições essenciais para a realização do ser humano como ser histórico. Isso quer dizer que, para poder ser de fato sujeito (o fazedor) e o objetivo (o beneficiário) da História, cada homem deve saber, ao menos, ler e escrever. A aquisição da linguagem escrita é o mínimo indispensável, hoje, para que um homem se realize efetivamente como homem.

### III. A LINGUAGEM E A SOCIEDADE

“Nenhum homem é uma ilha, sozinho consigo mesmo; cada homem é um pedaço do continente, uma parte do Todo...” Estes versos, do poeta inglês John Donne, definem em síntese o que é a sociedade: não uma soma (um arquipélago) de indivíduos (de ilhas), mas um todo (um continente) em que cada indivíduo (cada parte) depende do outro para sobreviver e realizar-se. A linguagem, no seu sentido mais geral, desempenham um papel essencial na organização social: sem a comunicação (através da linguagem), não pode haver sociedade. A linguagem escrita, mais particularmente, vem reforçar os laços sociais entre as pessoas, na medida em que torna mais profunda e precisa a comunicação. Através da linguagem, portanto, os homens se unem e passam a produzir em conjunto os meios necessários à sua sobrevivência; dividem as funções e, dessa forma, cada um assume uma parte do trabalho coletivo - de tal maneira que, se um ou outro deixa de efetuar as tarefas que lhe cabem, toda a sociedade pode se ver prejudicada. Daí se deduz a importância que tem, para todos os indivíduos, o esforço dos trabalhadores na produção dos bens sociais.

O homem não é apenas um ser histórico, mas também um ser social, o que implica dizer que nenhum indivíduo faz sozinho a História. Esta é resultado de um trabalho coletivo, do qual os indivíduos participam unidos e organizados em sociedades. É em conjunto, coletivamente, que os indivíduos produzem e projetam a existência, transformam e controlam a natureza, criam elementos para superar os obstáculos que o mundo lhes apresenta. Isolado dos outros, fora da coletividade, o homem pouco ou nada consegue. Seu desenvolvimento seria mais lento e difícil e as barreiras naturais - vencidas, mesmo com dificuldade, pelos homens quando trabalham em conjunto - parecer-lhe-iam intransponíveis. Um indivíduo sozinho, sem o apoio da sociedade, dificilmente sobreviveria.

Por esta razão, pode-se dizer que os homens se organizaram em sociedades em função da necessidade básica de sobreviver. Uniram-se a fim

de enfrentar o ambiente hostil e adverso. Talvez no início os homens andassem sozinhos, ou em bandos muito reduzidos (tal como acontece com certas espécies de animais). Mas logo perceberam que vivendo e atuando em conjunto, enfrentando coletivamente as dificuldades impostas pelo meio natural, tinham maiores possibilidades de sobrevivência. Passaram assim a formar grupos, não apenas somando esforços como também dividindo as funções: para alguns, atribuía-se a tarefa de caçar ou pescar; para outros, o plantio e a colheita; para outros, ainda, o cuidado com o gado e as pastagens. Dessa forma, lentamente, o ser humano aprendeu a produzir a sua existência, de maneira a depender menos daquilo que a natureza lhe dava diretamente. Ou seja: não precisava mais adaptar as suas necessidades às condições do meio natural, mas podia adaptar o meio às suas necessidades. Não precisava viver simplesmente da coleta dos alimentos disponíveis; podia produzir esses alimentos.

Com o tempo, graças ao trabalho coletivo, o homem conseguiu dar um passo à frente em sua História, não só garantindo sua sobrevivência como também assegurando o seu futuro. Passou a produzir para atender tanto às suas necessidades imediatas quanto às necessidades do amanhã. Aumentou a produção, tendo em vista não só a sua comunidade, mas outras comunidades também. Em outras palavras: com o crescimento de seu poder sobre a natureza, os homens criaram excedentes, isto é, produtos em quantidades que excediam suas necessidades, e passaram a trocá-los. Estabeleceu-se assim o comércio. Este é, basicamente, uma relação social de troca, através da qual um indivíduo ou grupo consegue de outro um produto que não possui. Inicialmente, a troca era direta. Posteriormente, passou a se efetuar através de um intermediário: o dinheiro.

O dinheiro é uma espécie de mercadoria-padrão que representa, no ato da troca, o valor do produto que se quer comprar ou vender. Em si, portanto, o dinheiro não tem valor algum. Ele só vale na medida em que existem mercadorias para serem trocadas. E as mercadorias só existem na medida em que são produzidas pelos indivíduos. Dessa forma, o fato de o dinheiro possuir valor se deve, em última análise, ao fato de pessoas trabalharem para produzir mercadorias.

#### **IV. A DEMOCRATIZAÇÃO DA CULTURA**

Ao longo de sua História, o ser humano vem acumulando inúmeras conquistas no seu constante trabalho coletivo de transformar o mundo em que vive. Assim, os indivíduos organizados em sociedade vão produzindo cultura e humanizando a natureza. Hoje, como podemos observar, existem as mais sofisticadas invenções, do avião supersônico à cápsula espacial, da calculadora eletrônica ao computador. Estes produtos, obtidos graças ao esforço conjunto das pessoas e transmitidos de geração a geração, revelam o alto grau de desenvolvimento a que chegou o ser humano, como espécie. Mas nem toda a

humanidade, como também podemos constatar, participa dos benefícios desse progresso, embora contribua ativamente para que tal progresso se efetive. É de se notar, na verdade, que essa parte da humanidade que não usufrui dos bens gerados pelo desenvolvimento, longe de representar a minoria, constitui a maioria. É esta maioria, muitas vezes, não dispõe sequer da linguagem escrita, que é instrumento indispensável para que as pessoas se apropriem dos benefícios do progresso, para que se tornem realmente proprietárias da cultura que ajudam a produzir. Está aí, portanto, a necessidade de democratizar a cultura - tanto a material quanto a espiritual -, isto é, de torná-la acessível ao maior número de pessoas dentro de cada sociedade. E para que isso aconteça - para que todos possam ter acesso a essa cultura -, é preciso que todos tenham em mãos esse instrumento que lhes permite apreender a cultura - a linguagem escrita. É preciso, ao menos, que todos saibam ler e escrever.

Já dissemos que a linguagem escrita existe há alguns milhares de anos, e vimos que ela representa um papel essencial na realização do homem como ser histórico e social, na medida em que possibilita a acumulação e a transmissão das realizações humanas através do tempo, consolidando a comunicação entre as pessoas e reforçando os laços sociais. Em suma: o fato de um indivíduo saber ler e escrever é de fundamental importância, pois é através da linguagem escrita que ele pode se apropriar das conquistas feitas pela humanidade no passado e aprofundar seu relacionamento com as outras pessoas. Porém, apesar de existir há tanto tempo, a escrita é ainda um privilégio de poucos. No mundo inteiro, contam-se centenas de milhões de pessoas que não sabem ler nem escrever.

Um exame mais profundo do problema mostra-nos que essa contradição não se restringe à questão da linguagem escrita, mas se estende a toda a cultura. Dissemos que o ser humano alcançou um alto grau de progresso técnico. Sua cultura é, hoje, grandemente desenvolvida. Porém, quantos se beneficiam desse progresso, dessa cultura? Se passarmos a vista pela situação atual do mundo, veremos que, a despeito de todas as conquistas técnicas acumuladas pela humanidade, dois terços dos seres humanos ainda passam fome. Veremos que, enquanto alguns homens pisam no solo lunar, navegam em seus submarinos atômicos e brincam com seus computadores, existem dezenas de milhões de pessoas que pisam descalças o solo terrestre, sem a certeza de poderem comer no dia seguinte, sem um teto sólido para se abrigarem da chuva, sem futuro.

Permitir que esses indivíduos tenham acesso aos frutos do progresso não é apenas permitir que eles possuam mais, é também permitir que eles sejam mais. É permitir que eles se realizem efetivamente como seres humanos. Não se trata, porém, de conceder-lhes, como se fossem dádivas, os frutos do desenvolvimento. Trata-se de possibilitar que eles próprios conquistem, por suas mãos, os benefícios que eles ajudaram a produzir. Trata-se, em suma, de colocar ao seu alcance os instrumentos que eles empregarão para se apropriar da cultura. E aí, podemos crer, reside a missão do alfabetizador. Cabe a este

ensinar a linguagem escrita ao alfabetizando como meio para que ele se torne também proprietário da cultura, para que se torne efetivamente um homem, enquanto ser histórico e social, dono de seu destino e dos produtos de seu trabalho.